

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
FACULDADE DE PRODUÇÃO CULTURAL

ISABELA SILVA DE SOUZA

**A PRAÇA É NOSSA: ESTUDO SOBRE CULTURA E TERRITORIALIDADE EM
JACAREPAGUÁ**

Niterói
2019

ISABELA SILVA DE SOUZA

**A PRAÇA É NOSSA: ESTUDO SOBRE CULTURA E TERRITORIALIDADE EM
JACAREPAGUÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Produção Cultural da Universidade
Federal Fluminense como requisito parcial
de avaliação para obtenção do grau de
Bacharel em Produção Cultural.

Orientador:
Prof. Dr. Luiz Augusto Rodrigues

Niterói
2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S719p Souza, Isabela Silva
A praça é nossa : Estudos sobre cultura e territorialidade em Jacarepaguá / Isabela Silva Souza ; Luiz Augusto Rodrigues, orientador. Niterói, 2019.
58 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2019.

1. Território. 2. Identidade. 3. Política Cultural. 4. Direito à cidade. 5. Produção intelectual. I. Rodrigues, Luiz Augusto, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -

ISABELA SILVA DE SOUZA

**A PRAÇA É NOSSA: ESTUDO SOBRE CULTURA E TERRITORIALIDADE EM
JACAREPAGUÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial de avaliação para obtenção do grau de Bacharel em Produção Cultural.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Augusto Rodrigues (Orientador) - UFF

Prof. Me. Guilherme Lopes Nascimento - UFF

Prof. Me. Marcelo Silveira Correia - UFF

Niterói
2019

Dedico esta pesquisa a minha mãe Rosineide, por sempre ter acreditado e investido na minha educação. E por adorar viver em Jacarepaguá.

AGRADECIMENTOS

À minha família, obrigada pelo apoio dado ao que sempre foi um sonho, em especial ao meu pai Ramon, por sempre me incentivar e se colocar sempre disposto a fazer parte de cada um dos meus sonhos, e a minha irmã Amanda por me fazer enxergar e acreditar que esse dia chegaria, me lembrando sempre de seguir em frente. Obrigada, pelo apoio e pelo amor demonstrado em todos esses anos.

Aos meus amigos e namorado Lucas, por todos os momentos que vivemos durante esse percurso, obrigada por cada conversa, conselho, força e incentivo para esse momento tão importante para mim. Agradeço também em especial à Larissa Fiães pelo auxílio concedido, até nas horas mais impróprias.

Ao meu orientador, Luiz Augusto, por ter confiado no potencial deste trabalho e por todo o suporte que me foi dado, e ainda assim sempre solícito e com muita paciência para me ajudar.

À Alexandra Gonzalez fundadora do JPA, eu te amo, uma sonhadora que materializou seu amor por Jacarepaguá e me inspirou a realizar esta pesquisa.

Às agentes culturais Gleyser Ferreira e Fernanda Rocha e moradores da Taquara: Lucas, Flávio e Vanessa pelas entrevistas concedidas, pelo interesse em fazer parte desta pesquisa e pelo importante trabalho desenvolvido em prol do território e comunidade de Jacarepaguá.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, torceram pelo meu sucesso.

RESUMO

Esta monografia tem como pesquisa a iniciativa JPA, Eu Te Amo e suas práticas na Baixada de Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro. O projeto atua desde 2016 no território, realizando diversas atividades com foco em sustentabilidade, responsabilidade socioambiental e capacitação. Promovendo ações na área de arte, cultura e cidadania buscando gerar renda e trabalho para a comunidade. Com o recorte na Taquara, busco entender as relações culturais e territoriais nas praças, analisando como o JPA, Eu Te Amo auxilia na apropriação do território e na criação de identidade cultural para o bairro. Como método, uso a etnografia urbana levando em conta aparatos históricos, econômicos, junto com a complexidade da vida urbana, os arranjos coletivos e os atores sociais da Baixada de Jacarepaguá. Assim conhecendo e ajudando a divulgar a importância desses movimentos culturais no território e, por fim, identificar a diversidade que o JPA, Eu Te Amo promove enquanto agente cultural.

Palavras-chave: Território. Política Cultural. Identidade. Direito à cidade.

ABSTRACT

This monograph has as research the initiative JPA, Eu Te Amo and its transformative actions in the Baixada de Jacarepaguá, western zone of Rio de Janeiro. The project has been running since 2016 in the territory, carrying out activities focused on sustainability, socio-environmental responsibility and people's capacitation. It promotes actions related to arts, culture and citizenship in order to develop income and jobs for the community. Concentrating in Taquara, the researcher tries to understand the cultural and territorial relations in the squares, analysing how JPA, Eu Te Amo helps on the territory appropriation and with the creation of a cultural identity for the adjacencies. The method used is the urban ethnography concerning historical and economic appliances, allied with the urban life complexity, the collective arrangements and the social actors of Baixada de Jacarepaguá. The main goal is to know and help to publicize these cultural movements significance in the territory. Finally, it also tries to identify the diversity that JPA, Eu Te Amo promotes as a cultural agent.

Keywords: Territory. Cultural Politics. Identity. Civil Rights.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa do Município do Rio de Janeiro	12
Figura 2- Matéria sobre o projeto Jpa, eu te amo.	23
Figura 3- FES – Feira de Empreendedores Sustentáveis	24
Figura 4 - Feira de empreendedores sustentáveis.....	24
Figura 5 - Feira do empreendedor sustentável	25
Figura 6 - Revitalização de praças e parques de Jacarepaguá.....	26
Figura 7 - Muro grafitado pela "Caravana da Alegria"	26
Figura 8 - Canteiro ornamentado com pneus.....	27
Figura 9 - Espaços reavivados em Jpa. Imagens capturadas pela autora deste trabalho.	32
Figura 10 - Espaços reformados pelo " Jpa, eu te amo"	33
Figura 11 - Ações educacionais da "Caravana da Alegria"	33
Figura 12 - Espaço "Cine Taquara."	34
Figura 13 - Coletivo "Cine Taquara"	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1- APRESENTAÇÃO DO TERRITÓRIO.....	12
1.1 - Políticas Culturais no Rio de Janeiro e o impacto na Zona Oeste	14
1.2 - Ações culturais de redes e coletivos na Zona Oeste	17
2 - CONHECENDO O JPA, EU TE AMO	21
2.1 - Atividades da iniciativa <i>JPA, eu te amo</i>	23
2.2 - Como o JPA, eu te amo me afetou.....	29
3 - IMPACTO DA <i>CARAVANA DA ALEGRIA</i> EM JACAREPAGUÁ.....	31
3.1 - O reavivamento da Taquara e edições da <i>Caravana da alegria</i>	31
3.2 - Caravana da Alegria na praça do BRT e Cine Taquara.....	34
3.3 - A importância da caravana da alegria na conexão com o território	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM FERNANDA ROCHA.....	46
APÊNDICE B- ENTREVISTA COM GLEYSER FERREIRA.....	53
ANEXO 1 - ATA.....	57

INTRODUÇÃO

Moro na Taquara há 10 anos, um bairro localizado na Baixada de Jacarepaguá Zona Oeste do Rio de Janeiro. Durante bastante tempo o meu deslocamento em busca de lazer, arte, cultura e entretenimento fora concentrado entre Centro e Zona Sul da cidade.

Ao ingressar no curso de graduação em Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense no ano de 2015 fui apresentada a diversos conceitos e estudos sobre território, os quais afloraram em mim novas questões sobre a cidade e seus territórios, despertando um olhar diferente para a o Rio de Janeiro e o meu bairro. Com outras perspectivas e gatilhos desenvolvi novos questionamentos sobre a minha vivência no meu bairro e Baixada de Jacarepaguá, nos quais minha relação era mais de passagem do que vivência.

Em 2017 recebi um convite para uma feira que aconteceria próxima a minha casa, a FES - Feira de Empreendedores Sustentável. Curiosa pelo evento e feliz por descobrir que ações de economia circular estavam acontecendo próximas a mim, comecei a acompanhá-los em suas redes sociais e foi assim que, finalmente, conheci a iniciativa *JPA, Eu te amo*, o qual realiza a FES e diversas outras atividades para o desenvolvimento da qualidade de vida da comunidade da Baixada de Jacarepaguá.

Como moradora fiquei bastante feliz em conhecer uma iniciativa que é uma declaração de amor ao meu bairro, já como graduanda de produção cultural despertou uma curiosidade enorme em mim de conhecer os bastidores desse projeto, compreender os motivos e desafios dessa doação ao território. Por essa razão, as ações do *JPA, Eu te amo* se tornaram o objeto de pesquisa nesta monografia.

Nesta pesquisa estudarei como a atuação do coletivo *JPA, eu te amo* nas praças do bairro de Jacarepaguá contribuem para a fruição cultural do mesmo, buscando primeiramente entender o histórico socioeconômico e cultural da região. Respeitando a complexidade de um “superbairro”, abrirei como recorte no território da Taquara onde ocorreram as primeiras *Caravanas da alegria*.

Dentro do tema cultura e território, no recorte das revitalizações em ruas e praças buscarei relacionar questões e conceitos recorrentes no campo de cultura e território como identidade, diversidade, políticas culturais, construção simbólica dos espaços, produção social do espaço, direito à cidade, neoliberalização dos espaços.

Dividindo os capítulos entre políticas e ações culturais na Zona Oeste com foco em Jacarepaguá. O estudo de Caso é a iniciativa *JPA, Eu te amo*, seus projetos e como eles incentivam as relações dos moradores com as ruas e praças de Jacarepaguá, e qual impacto gera. Busco compreender melhor a narrativa, a disputa que se encontra no passado e na atualidade nas políticas públicas de cultura, entre os agentes culturais, coletivos e o poder público e qual o papel do coletivo *JPA, eu te amo* nessa disputa e no território.

época colonial, os principais eram o Engenho da Taquara, o Engenho Novo (atual Colônia Juliano Moreira), Engenho do Camorim, Engenho D'Água, Engenho da Serra (atual da estrada do Pau Ferro e as encostas da serra da atual Estrada Grajaú-Jacarepaguá) pela região geográfica da Baixada de Jacarepaguá e por fazerem parte da mesma região administrativa. Portanto neste trabalho monográfico, trabalharei cultura no território da Taquara que para fins literários e afetivos tratarei como meu pedaço de Jacarepaguá.

O bairro da Taquara é mais um bairro originário do processo de desmembramento de Jacarepaguá, com área territorial de 1.320,66 em 2018. Como outras importantes áreas do que sempre se entendeu historicamente como a grande Jacarepaguá. Conforme o Censo 2010, a população de Taquara é de 102.126 habitantes distribuídas entre homens e mulheres. A população masculina representa 47.522 hab. e a população feminina, 54.604 hab. Seu índice de desenvolvimento humano (IDH)¹, no ano 2000, era de 0,876. Total de Domicílios (2010): 37508. Área Territorial (2018): 1.320,66 ha. Índice de desenvolvimento social IDS² (2010): 0,612.

A Taquara também é um polo econômico considerável na região, com o total, em 2015, de 114 estabelecimentos, um dado antigo, porém podemos observar que era um bairro em ascensão. Em sua infraestrutura, atualmente o bairro comporta dois corredores expressos de ônibus BRTs, Transcarioca (em 2014) e Transolímpica (em 2016), por parte da prefeitura. Com espaço geográfico privilegiado, tem bastante área verde ao longo do bairro, e seu relevo cercado por montanhas devido à presença do Parque Estadual da Pedra Branca com entrada no Pau da fome.

O bairro abriga o Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea, o qual contém uma coleção tombada composta por 806 obras criadas por Arthur Bispo do Rosário. Em seu acervo também estão incluídas obras de outros artistas que foram marcados pela instituição psiquiátrica, que funcionava na Colônia Juliano Moreira. Fora o museu, o bairro atualmente

¹ IDH é Índice de Desenvolvimento Humano, uma medida importante concebida pela ONU (Organização das Nações Unidas) para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população.

² IDS é o Índice de Desenvolvimento Social, tem como finalidade medir o grau de desenvolvimento social de uma determinada área geográfica em comparação com outras de mesma natureza.

possui um coletivo que promove ações de cultura e cidadania para a população. O coletivo “Eu te amo Jacarepaguá” o objeto de estudo territorial e cultural nesta monografia.

1.1 - Políticas Culturais no Rio de Janeiro e o impacto na Zona Oeste

Nesta parte da apresentação do território abordaremos a trajetória das políticas públicas culturais do Rio de Janeiro e seu resultado na Zona Oeste, tratando primeiramente de uma abordagem mais ampla. A fim de conhecer o trajeto macro das ações culturais cariocas para posteriormente analisarmos o impacto específico na produção cultural local em Jacarepaguá.

O marco de mudança na trajetória das políticas públicas iniciou-se em 2013 com o reconhecimento da Secretaria Municipal da Cultura (SMC) no descompasso entre a produção cultural carioca e a gestão pública. Compreendeu-se que o cenário cultural é complexo e diversificado, e necessitava da criação e consolidação de canais de diálogo. Como afirma Lia Baron em seu texto sobre a Territorialização das políticas públicas de cultura no Rio de Janeiro:

No que diz respeito especificamente ao ambiente político-cultural do Rio, o que se podia constatar era um flagrante descompasso entre produção e gestão pública. De um lado, uma cena volumosa e diversificada exigia a reinvenção e a consolidação de canais de fomento e diálogo. De outro, um novo quadro gestor, capitaneado pelo então Secretário Sérgio Sá Leitão, assumia um órgão com razoável disponibilidade orçamentária, mas deficiente em infraestrutura, estratégia administrativa, planejamento e definição de prioridades. (BARON, 2017, p.1129)

Nessa época em umas das tentativas da SMC de fomentar ações culturais houve a implementação da “Lei ISS” a qual através do fomento indireto possibilita o investimento privado em projetos culturais via incentivo fiscal através de edital e o lançamento do Programa de Fomento à Cultura Carioca o qual sistematizou o conjunto de editais, regularizou o cronograma e ampliou a quantidade de linhas de apoio financeiro direto. Essas ações marcam o início do ciclo do desenvolvimento e consolidação do investimento municipal em projetos culturais.

Contudo notou-se que as práticas do edital do ISS, em grande parte, direcionavam-se a agentes culturais que como Lia aponta no texto estava no “radar” da administração pública municipal da época. As características dos projetos culturais “aprovados” eram centralizadas na Zona Sul e Centro do Rio de Janeiro e possuíam formalização jurídica, por dispor de profissionais especializados em gestão de projetos. Logo, a lei ISS apenas resolvia as questões do auxílio à fruição cultural de projetos que já estavam no circuito cultural da cidade.

Embora sem o apoio e reconhecimento da SMC as ações culturais “periféricas” (lê-se ações fora do circuito Zona Sul e Centro) formavam suas redes, construíram rotas paralelas/“clandestinas” ao mapa cultural da cidade. É com o conceito de virada territorial que Lia Baron explica o redesenho da carta cultural da cidade “de fora para dentro, das margens para o Centro”. Visto que os territórios pobres ou mais afastados do Centro, como a Zona Oeste e até mesmo nos bairros na Zona Norte próximos ao Centro, porém populares, produzem cultura diariamente sem apoio oficial e reconhecimento do poder público. Pois estavam às “margens” não apenas pela questão geográfica, mas também nos *limiões da institucionalização* e disputas de poder da cidade.

Portanto fazia-se necessário o reconhecimento dessas ações culturais realizadas por esses agentes “periféricos”, sem estrutura ou especialistas em gestão de processos culturais, porém não apenas ação de reconhecimento do movimento, mas sim no fomento, e possibilitando a independência e fruição cultural desses locais.

Decorre então um movimento de descentralização territorial nas políticas culturais da SMC. No qual já era previsto desde 2009 quando da assinatura de um convênio entre a Prefeitura do Rio e o Ministério da Cultura no âmbito do Programa Cultura Viva; o pleito era não somente aguardado como enfaticamente exigido em situações públicas. Com intuito de promover o fomento da ação cultural à escala local com edital de Pontos e Pontões de cultura, determinando os Pontos de cultura como “um organizador da cultura no nível local, atuando como um ponto de recepção e irradiação de cultura” (Turino, 2009, p. 64).

Até 2013, existiam 119 Pontos de cultura na cidade, somando-se aqueles que haviam sido reconhecidos pelo MinC e pelo Governo do Estado por meio de editais próprios. Um estudo cartográfico realizado pela SMC em parceria com o Instituto Pereira Passos constatou que eles estavam, sua grande maioria, localizados no Centro e na Zona Sul cariocas, o que

reproduziria o diagnóstico de concentração constatado anteriormente na esfera das políticas públicas cariocas.

A estratégia desenvolvida para resolver a questão da centralização dos pontos foi com o edital da Rede Carioca, o qual se apresentou como a chance de diminuir esse desequilíbrio. Sua composição foi desde o início orientado pela lógica da descentralização territorial: o documento exigia que ao menos 60% Pontos de Cultura contemplados desenvolvessem atividades nas Zonas Norte e Oeste. Como resultado, o conjunto de Pontos de Cultura conveniados com o município foi composto de maneira equilibrada territorialmente: 14 Pontos de Cultura selecionados atuam no Centro, 10 na Zona Sul, 12 na Zona Norte e 17 na Zona Oeste. O convênio previu o investimento de R\$ 9 milhões por meio do edital de Pontos da Rede Carioca (Baron, 2017).

De um lado o ganho do edital dos pontos de cultura, do outro o impasse da formalização durante o processo da circulação para a divulgação do edital de Pontos. Constatou-se também a necessidade de iniciativas de apoio que se relacionassem com os diversos territórios da cidade de maneira mais aprofundada e complexa. O “*limiar da informalidade*” era uma grande questão, pois diversos projetos compatíveis com o edital não puderam participar, pois não estavam vinculados a um CNPJ. Questões burocráticas que inviabilizavam a participação de projetos favoráveis ao edital de ponto de cultura.

Com esse diagnóstico a SMC em 2014 iniciou o processo para realização do prêmio de ações locais. Primeiro instrumento de fomento carioca direcionado a realizadores não formalizados, não necessariamente profissionalizados em gestão de projetos, mas capazes de ativar fluxos culturais em escala local nos diversos territórios do Rio, ele tem como linhas mestras a democratização do acesso ao fomento público (fazendo o recurso chegar até a ponta, sem intermediação) e a desburocratização da relação entre agentes culturais e a administração pública.

Em sua primeira edição em 2015, o edital do Prêmio de Ações locais chegou ao número de 850 proponentes inscritos e 612 chancelados, dos quais 85 foram premiados. A maior região com o número de iniciativas chanceladas foi a Zona Oeste somando 27% do total. Em segundo a Zona Norte com 25% do panorama das ações locais, em terceiro lugar a Zona Sul com 18% e em seguida do Centro com 15% e os outros 15% são relativos a ações que declaram atuar em mais de uma região da cidade (Baron, 2017).

Com resultado da primeira edição do prêmio de Ações locais, o mapa do circuito cultural da cidade muda. Ampliam o acesso e fomentam cultura da Zona Oeste gerando novas perspectivas para esses grupos, agentes e equipamentos. Um dos exemplos da aplicabilidade e funcionalidade do prêmio de Ações locais foi a criação do Oeste Carioca³, uma publicação originada da parceria do Observatório de Favelas com a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Seu objetivo maior é contribuir para o conhecimento e o reconhecimento de espaços, sujeitos e práticas culturais e artísticas da Cidade do Rio de Janeiro, em um recorte regional específico.

O projeto, inédito na época, possibilitava conferir visibilidade dos espaços e práticas realizadas na Zona Oeste. O prêmio de Ações locais possibilitou que a esfera pública se aproximasse e ao mesmo tempo desse autonomia a práticas culturais em territórios distantes do circuito de visibilidade exclusiva ao Centro e Zona Sul da cidade.

Este processo foi bastante importante para o reconhecimento da cidadania cultural na Zona Oeste conseguiu mesmo que vagamente conectar o território como conceito-chave para ação cultural. Contudo o prêmio de Ações locais teve apenas uma edição sendo uma grande perda e retrocesso para as políticas culturais territoriais. Infelizmente as leis de políticas culturais do município são dependentes das gestões, que passam por cima dessas leis de acordo com as pastas políticas atuais da administração, tornando as políticas culturais descontínuas, “letras mortas” como comenta o autor Luiz Augusto Rodrigues em seu texto Políticas para as Culturas e para as Cidades (no prelo).

1.2 - Ações culturais de redes e coletivos na Zona Oeste

³ <http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2015/02/OESTE-CARIOCA-EBOOK-1.pdf>

Para iniciarmos a análise sobre ações culturais dos coletivos na Zona Oeste, gostaria de propor a reflexão de alguns desdobramos sobre o conceito de políticas culturais.

Segundo Barbalho, é possível compreender políticas culturais de outra maneira, para além do poder público.

Assim, política cultural (cultural policy) diz respeito ao universo das políticas públicas voltadas para a cultura implementadas por um Governo. Em outras palavras: “un proceso en el que el Estado impone un tratamiento político – es decir, resultado del debate público sobre el sentido de la acción del Estado – a aquello que llama ‘cultura’” e cujos objetivos consistem em “ordenar, jerarquizar o integrar un conjunto necesariamente heterogéneo de actores, discursos, presupuestos y prácticas administrativas” (BOLÁN, 2006, p.60). Já as políticas de cultura (cultural politics) se referem às disputas de poder em torno dos valores culturais ou simbólicos que acontecem entre os mais diversos estratos e classes que constituem a sociedade. Apoiando-se em Jim McGuigan (1996), podemos afirmar que elas dão conta do confronto de idéias, das disputas institucionais e das relações de poder na produção, circulação/distribuição e recepção/consumo de bens e significados simbólicos. (BARBALHO, 2009, p. 1-3)

Portanto neste tópico estudaremos as Políticas de Cultura (*Cultural Politics*) na Zona Oeste. As ações, disputas e desdobramentos do fazer cultural independente das leis e projetos de políticas públicas do município. Buscando compreender a relação dos coletivos e instituições sem fins lucrativos com fruição cultural local, as tensões com poder público e a população. Para isso usaremos como exemplo o caso do Viva Zona Oeste - Rede de Economia Criativa.

Fundado em 5 de novembro de 2014, O Viva Zona Oeste surge a partir do desdobramento da participação Fernanda Rocha e Vinicius no movimento visão suburbana. Com o intuito de criar uma rede de agentes, coletivos e instituições criativas, ligados à Cultura e à Economia Criativa da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, que tem como missão identificar, gerar visibilidade e oportunidades de capacitação e sustentabilidade de forma colaborativa para uma nova cadeia produtiva da região. O Viva Zona Oeste já realizou 60

atividades, que somam 288 horas de programação, contou com 560 voluntários e já atendeu ao público direto de 8.644 pessoas gratuitamente.

Os objetivos da rede sempre foram lutar para colocar a Zona Oeste no mapa cultural da cidade, com o intuito de democratizar a centralização de destinação da verba pública para o eixo Centro e Zona Sul da cidade. Como diz a Fernanda Rocha na entrevista para esta monografia.

Foi esse pensamento de construção de políticas públicas mais democráticas, mais participativas, mais inclusivas, mais diversas. Pensamento de inserção, de pensar a Zona Oeste como território que necessita fazer parte do mapa cultural da cidade. Todo esse pertencimento e essa valorização dos próprios agentes culturais e para seus multiplicadores, seus públicos e tudo mais⁴.

Com os propósitos estabelecidos, os maiores desafios do Viva Zona Oeste segundo os Coordenadores permanentemente é o engajamento dos agentes, coletivos, instituições privadas e do poder público. Visto que aproximar a rede, segundo os mesmos, sempre foi uma potência fácil, algo bastante fluido, contudo engajar verdadeiramente e conseguir que a rede se sustente sistematicamente são um dos maiores desafios da instituição.

Ao longo dos anos na luta para a descentralização do mapa cultural da cidade, o Viva Zona Oeste teve algumas experiências com as políticas culturais do município através da SMC. Em entrevista Fernanda, uma dos coordenadores, conta que foi beneficiada com o edital de Ações locais em sua companhia de dança, afirma também que diversos parceiros da rede foram contemplados. Um caso interessante comentado é que os coordenadores do Viva Zona Oeste enquanto membros do movimento Visão Suburbana lutaram coletivamente para que a inserção do percentual dessas ações locais fossem implementadas no território da Zona Oeste e Zona Norte da cidade.

Em 2016 o Viva Zona Oeste ainda chamado de Polo de Economia Criativa da Zona Oeste foi contemplado em edital de fomento às artes lançado pela SMC; ficaram em 1º lugar e

⁴ Entrevista concedida por ROCHA, Fernanda. Maio de 2019. Entrevistador: Isabela Souza. Rio de Janeiro, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice A deste trabalho.

junto com mais 203 projetos culturais. O valor do edital não foi repassado pela SMC inviabilizando a realização dos projetos.

A experiência de ter ganhado um edital e não ter o dinheiro repassado pela prefeitura fez a coordenação repensar bastante a disposição da SMC. Em 2018 a rede ganhou edital de Impulso e Aceleração social da Oi Futuro junto com o Instituto Ekloos no qual passaram pelo programa de aceleração social através de mentorias visando seu fortalecimento institucional. Neste processo de planejamento descobriram que a rede somente se sustentaria com o apoio financeiro estrangeiro, ou seja, por editais e patrocínio privado. Portanto resolveram paralisar as ações do Viva Zona Oeste.

A trajetória do Viva Zona Oeste é um caso bastante interessante para analisarmos as tensões entre o discurso x prática das políticas pública do município com o animador cultural local, que mesmo buscando construir políticas públicas através do próprio fazer cultural se torna vítima de ações descontínuas do poder público.

2 - CONHECENDO O JPA, EU TE AMO

A iniciativa JPA, Eu te amo tem sua origem em um desconforto, ou melhor, de uma indignação profunda daquelas que nos faz mover mundos e fundos para apostar em algo que acreditamos. A idealizadora Alexandra Gonzalez, empresária e moradora da Taquara, nunca se conformou com as condições de abandono do bairro. Dessa inquietação surge o movimento que é uma declaração de amor à Baixada de Jacarepaguá.

O *JPA, eu te amo* nasceu da minha crença, uma crença muito sincera, de que é possível desenvolver um bairro a partir das iniciativas sociais em parceria com pequenos negócios locais, ambos exercendo a cidadania e a responsabilidade social. O cidadão voluntariando em favor do seu bairro e os empresários financiando os custos necessários para promover essas pequenas melhorias que vão se agigantando ao longo do tempo, desenvolvendo o bairro e promovendo a melhoria da qualidade de vida da nossa comunidade, incluindo melhoria nos índices de segurança pela reocupação de espaços públicos ociosos, como praças, por exemplo, que tem demasiada importância no contexto social e que ao longo dos anos foram perdendo seu significado e se tornando espaço para violência e mendicância.⁵

As motivações, indignação com o estado das praças e limpezas das ruas, percepção da falta de programação cultural e opções gastronômicas do bairro com um sentimento de ser cidadão, participante e atuante no destino da sua sociedade. O movimento engatou e saiu do papel em 2016, a princípio como Iniciativa Social, a constituição formal do Instituto como O.S (Organização Social)⁶ se deu em janeiro de 2018.

⁵ Texto de Alexandra Gonzalez retirado do site: JPA, eu te amo.

⁶ O.S é um tipo de associação privada, com personalidade jurídica, sem fins lucrativos, que recebe subvenção do Estado para prestar serviços de relevante interesse público. e da elevação dos índices de desenvolvimento humano da região, o qual infelizmente é um dos menores da cidade como comentado no capítulo I de apresentação ao território.

O objetivo principal do JPA, eu te amo é desenvolvimento socioeconômico da Baixada de Jacarepaguá⁷ e de toda a Zona Oeste, na luta pela qualidade da melhoria da qualidade de vida da comunidade.

Para alcançar os objetivos, o movimento trabalha realizando atividades com foco em três pilares: Sustentabilidade, responsabilidade socioambiental e capacitação. Promovendo ações na área de arte, cultura e cidadania buscando gerar renda e trabalho para a comunidade.

A iniciativa busca fruir constantemente com a formação de parceiros, redes locais e voluntariado. Alexandra Gonzalez, contou na primeira reunião com os novos inscritos para voluntários em 2019, que no início a moeda de troca para realizar as atividades do JPA, eu te amo era a contabilidade. Visto que ela possui uma empresa de contabilidade e diversos clientes “quebrados” por causa da crise, contando com a situação propôs seus serviços como contadora em troca de apoio, parceria de empresas, escolas e instituto de dança que aceitaram e foi de grande importância para realização das primeiras atividades.

Assim, logo nos primeiros meses das atividades, a iniciativa de amor à Jacarepaguá foi ganhando força e notoriedade no bairro, o que proporcionou destaque e reconhecimento junto à sociedade, mídias e veículos de comunicação, como jornal O Globo, Jornal o Dia e Revista Veja. A repercussão de suas ações e seus desdobramentos motivaram a aquisição de uma sede, por parte de seus fundadores, dando origem a fundação de uma Casa de Cultura, legalmente formalizada sob a denominação social Instituto Lucinha Gonzalez e Julia Rabelo de Arte e Cultura, em homenagem as mães dos seus fundadores. Localizada na Rua Alberto Soares Sampaio, 72 próxima ao largo da Taquara e a estação do BRT do bairro.

⁷ Área de planejamento 4 no mapa da página 12 deste trabalho.



Figura 2- Matéria sobre o projeto Jpa, eu te amo.⁸

2.1 - Atividades da iniciativa JPA, eu te amo

As atividades realizadas pela iniciativa são ferramentas para aproximar a população à causa e executar os objetivos do JPA, eu te amo. Baseadas nos três pilares da sustentabilidade, a ambiental, social e econômica, realizam desde sua criação ações na área de arte, cultura, esporte, lazer, cidadania e geração de trabalho e renda, as quais serão apresentadas a seguir.

Começarei apresentando a FES – Feira de Empreendedores Sustentáveis, uma feira de arte, artesanato, design, moda e gastronomia realizada na Praça Cândido da Silva Mendes na Taquara. Possui uma diversificada agenda cultural para toda a família com atrações musicais, dança, oficinas e atividades coletivas voltadas para as áreas de sustentabilidade, cultura, bem-estar e lazer. Com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável do bairro, por meio do fomento à arte e cultura, gerar trabalho, renda para a comunidade. A FES é a atividade que me introduziu ao coletivo; com 10 edições a feira está se consolidando na Taquara e proporcionando grande visibilidade para o JPA, eu te amo. A seguir algumas fotos que expressam o que é a FES.

⁸ As manchetes de jornais acima mencionadas estão disponíveis em <http://www.jpaeuteamo.com.br/clipping>.



Figura 3- FES – Feira de Empreendedores Sustentáveis



Figura 4 - Feira de empreendedores sustentáveis



Figura 5 - Feira do empreendedor sustentável⁹

A *Caravana da Alegria*, uma das primeiras atividades do JPA, eu te amo. Essa iniciativa surgiu com uma ideia que inicialmente se apresenta simples, uma proposta de revitalização com foco nas praças, espaços de sociabilidade mais degradados do bairro. Contudo torna-se uma potência mobilizadora através da integração da comunidade à atividade e aproximação das instituições públicas. A proposta de promover cidadania e responsabilidade socioambiental transforma-se em realidade através do processo colaborativo com o corpo social local.

Uma equipe de oficinairos e voluntários da iniciativa oferece a fabricação de mobiliários urbanos como: jardineiras, decoração e brinquedos confeccionados em pneus e uma biblioteca, lixeiras e bancos confeccionados em pallets; Intervenção artística urbana nos postes, bancos e muros das praças; Muda de plantas¹⁰ e articula com Órgãos Públicos, para

⁹ As Figuras 5,6 e 7 estão disponíveis em: www.jpaeuteamo.com.br

¹⁰ Fornecidas pela Fundação Parques e Jardins.

limpeza urbana, poda de árvores e reforçar a iluminação do local. A seguir fotos que ilustram esse processo, retiradas das redes sociais do *JPA, eu te amo*.



Figura 6 - Revitalização de praças e parques de Jacarepaguá.



Figura 7 - Muro grafitado pela "Caravana da Alegria"



Figura 8 - Canteiro ornamentado com pneus¹¹

Além de atividades para a integração da comunidade, o *JPA eu te amo* tem propósitos socioeconômicos, e também se preocupa em capacitar população, proporcionando oficinas, cursos profissionalizantes e aulas de alfabetização para idosos.

Com o intuito de contribuir para a geração de trabalho e renda, a oficina de *Empreendedores sustentáveis* prepara artesãos, empreendedores gastronômicos, de moda sustentável e de outros produtos possíveis de serem comercializados em feiras. O curso é dividido em 3 partes, desenvolvimento de habilidade humanas e responsabilidade social; empreendedorismo e sustentabilidade econômica; Desenvolvimento ou aprimoramento de habilidades técnicas para a fabricação de produtos, produção de feira e realização de negócios com responsabilidade ambiental. Na segunda etapa do treinamento o participante ganha um orientador que eles apelidam como “anjo” que irá caminhar com o participante por toda a jornada empreendedora da oficina com duração de 6 meses.

O curso *Essa Moda Pega* é um projeto de moda sustentável e formação de modelos, com a intenção de promover o encontro de jovens com uma moda mais acolhedora, humanizada e consciente, potente na sua capacidade de inclusão e de elevação do status social, sem a necessidade de degradar o planeta. São oferecidas duas capacitações, estilista de

¹¹ Figuras 8,9 e 10 disponíveis em: www.jpaeuteamo.com.br

moda sustentável e modelos de passarela. As inscrições são gratuitas, porém cada curso existe um regulamento, com suas condições e faixa etária para a ocupação da vaga.

O *JPA, eu te amo* possui profundo cuidado com o bairro e a população local. Como diz o próprio nome é uma declaração de amor ao território, e esse zelo atravessa os vieses sociais, econômicos, ambientais e assim procuram também manter viva a história tão rica do bairro. O *Centro de Memória* e sua exposição *O Sertão Carioca – a outra margem do Rio* apresenta uma coletânea que resgata retalhos da grande e esquecida história da Baixada de Jacarepaguá. Com esse recorte, reunir a comunidade em torno de uma redescoberta, compartilhando lembranças, “causos” e fatos que marcaram o desenvolvimento da região, na esperança de que essa chama nunca se apague. A exposição é permanente na Casa de Cultura JPA e está aberta a visita mediante agendamento prévio.

Nesta temática busquei apresentar as atividades mais fixas e estáveis da iniciativa JPA *eu te amo* que trabalham constantemente elaborando novas ações e projetos criativos para integrar a comunidade e cumprir com seus objetivos. Possuem um planejamento bastante diversificado, como a gincana da JPA Sustentável, o projeto Luz Criativa e outras ações como o clube de sócios torcedores do Sou +JPA que está em processo de construção. Contudo não são todos os projetos que se sustentam ou conseguem apoio do poder público e o engajamento necessário para realização, por isso alguns são paralisados e sendo revisados para atuação futura¹².

Conhecendo as atividades, podemos observar como essas ações traz para o bairro o reforço do elo entre o território e manifestações culturais locais. Como o conceito de territorialização está contido na iniciativa do *JPA, eu te amo* de forma fluida, pois lutam contra a espacialização, ofertas de atividades sem vínculos com os locais, de forma orgânica e acessível promovendo ações de melhoria para o bairro junto à comunidade.

¹² Todas as informações contidas neste texto são encontradas nas redes do *JPA, eu te amo* e suas atualizações.

2.2 - Como o JPA, eu te amo me afetou.

Em meados de 2018 ganhei um panfleto e um convite da minha irmã para ir a um evento na praça próximo a nossa casa, ela animada por ter uma programação infantil e eu intrigada com o evento. Analisando o panfleto observei que o evento se tratava da feira na qual avistei sendo divulgada algumas vezes durante minhas caminhadas ao Centro da Taquara e já tinha interesse em conhecer.

Então em um domingo de setembro finalmente conheci a FES – Feira de Empreendedores Sustentáveis e foi amor à primeira vista. A praça na qual eu passava diariamente e não prestava muita atenção estava colorida, ocupada, iluminada. Com barracas padronizadas vendendo diversos produtos desde roupas, acessórios, comida e bebidas. E para completar o encantamento havia uma programação completa para a criançada com oficinas, brincadeiras e até minha sobrinha de 8 meses curtiu no cantinho para bebês com contação de história. Foi um domingo bastante especial, conversando com alguns vendedores descobri que o evento se tratava de um atividade da iniciativa do *JPA, eu te amo* e tive a sensação que já conhecia a instituição.

Durante a semana comecei a pesquisar sobre o evento, encontrei as redes sociais da FES e do *JPA, eu te amo* e comecei a acompanhá-los virtualmente. A partir desse momento comecei a identificar que diversas ações que estavam sendo realizadas no meu bairro eram conectadas, pela iniciativa *JPA, eu te amo*, também comigo e minha profissão.

Eu como estudante de produção cultural, atuante na área da cultura e moradora da Taquara me vi experimentando e reconhecendo conceitos que conheci na graduação, visto que minha vivência cultural, educacional e laboral sempre fora distante de Jacarepaguá. No ensino médio estudei na Tijuca, na graduação na UFF em Niterói e o estágio no Centro do Rio, me incorporou a uma rede cultural bem desconexa com meu bairro. Tornando o deslocamento parte da minha busca e consumo por cultura, lazer e entretenimento.

No decorrer do processo de conhecimento das atividades do *JPA, eu te amo*, pude experimentar meu bairro de formas novas e distintas. Agora o caminho que faço até o ponto de ônibus é colorido com imagens motivacionais e me faz prestar atenção no que as ruas que eu passo comunicam. A praça perto da minha casa que antes era suja e abandonada eu nunca frequentava, agora é limpa colorida e com brinquedos novos e reciclados me sinto mais segura e a vontade para frequentá-la.

Criando essas novas rotas finalmente comecei a frequentar e apresentar aos meus amigos o Museu de Arte Contemporânea Bispo do Rosário que fica a 10 minutos da minha casa. Formando a minha corpografia urbana¹³ um relacionamento com um território que eu não reconhecia como meu. Compreendendo como o processo de espetacularização chegou até mim diminuindo minha participação enquanto cidadã no meu bairro e na experiência corporal na minha cidade. O *JPA, eu te amo* foi uma peça importantíssima para o meu processo de deslumbramento e pertencimento ao meu bairro.

¹³ Uma corpografia urbana é um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita, mas também configura o corpo de quem a experimenta. JACQUES, Paola. Corpografias urbanas.

3 - IMPACTO DA CARAVANA DA ALEGRIA EM JACAREPAGUÁ

Neste capítulo discutirei o efeito e impacto da *Caravana da alegria* na baixada de Jacarepaguá. Buscando compreender como a iniciativa comunitária em revitalizar o espaço público contribui para o seu uso, apropriação e formação de novas redes de sociabilidades. Para isso, analisarei as edições da *Caravana da alegria* na Taquara, como esses espaços estão sendo ocupados atualmente e o que essa apropriação tem representado para a comunidade.

3.1 - O reavivamento da Taquara e edições da *Caravana da alegria*

Uma das primeiras e mais popular atividade do *JPA, eu te amo*, a *Caravana da alegria* conta com mais de 13 edições desde seu início em 2016, revitalizando diversas áreas públicas e praças degradadas em Jacarepaguá. Buscando desde então promover a interação social, educação ambiental, melhoria para a qualidade de vida para a comunidade e contribuir para a elevação da segurança no local onde acontece a revitalização e entornos. Viabilizando também acesso à cultura e lazer.

O trabalho de reavivamento do espaço público através da *Caravana da alegria* é feito através de intervenções artísticas urbanas em muros, equipamentos das praças como as mesas de cimento, bancos e calçadas. Há limpeza urbana com podas das árvores, capinagem e o reforço na iluminação pública. De acordo com a necessidade do local a equipe do *JPA, eu te amo* confecciona mobiliários artísticos urbanos a partir de reciclagem com pneu, pallets, pets e outros materiais de descartes. Além disso, a Caravana incorpora ao patrimônio público de praças, escolas e ruas de Jacarepaguá lixeiras, brinquedos e pequenas bibliotecas com livros para o livre acesso e uso da população.



Figura 9 e 10 - Espaços reavivados em Jpa. Imagens capturadas pela autora deste trabalho.

A Caravana é feita pela mobilização de locais e instituições. Dentre as 13 edições já dispuseram de parcerias como a Comlurb - Companhia Municipal de Limpeza Urbana, a Farmanguinhos, o projeto Rio Novo Olhar, Fundação Parques e Jardins, Superintendência de Jacarepaguá, o SESC e a Rádio FM - O DIA.

No início o engajamento para realização da revitalização era feito com uma moeda social, onde os expositores da FES- Feira de Empreendedores Sustentáveis trabalharam como voluntários nas Caravanas como contrapartida social exigida para expor na feira. Contudo a Caravana foi crescendo, sendo reconhecida pela comunidade e atualmente se organizam e solicitam a intervenção da *Caravana da alegria* em nas suas ruas, praças se comprometendo em colaborar com revitalização.

A 1ª edição aconteceu na Praça Cândido da Silva Mendes, a qual foi adotada pelo JPA, *Eu te amo* para iniciar o processo de revitalização das praças do bairro, e se tornou local permanentemente da FES, que até dezembro de 2018 já teve 10 edições. Ao local foram incorporados diversos mobiliários urbanos todos reaproveitados como tronco de árvores já derrubadas, e diversos brinquedos feitos com pneus.



Figura 11 - Espaços reformados pelo " Jpa, eu te amo"

A *Caravana da alegria*, além de materializar a revitalização das praças abandonadas de Jacarepaguá, também trabalha com a educação ambiental. Na sua 6ª edição revitalizou a Praça das Musas em frente a Escola Estadual Brigadeiro Schorcht e elaborou oficinas de ecobag, artesanato com resíduos têxteis, customização de roupas, reaproveitamento de alimentos e jardineiras feitas com materiais de descarte. Buscando gerar troca de conhecimento também com a comunidade escolar e aproximar os alunos a causa.

A maior revitalização em extensão da Caravana foi na praça da estação do BRT da Taquara. Foram mais de 2 km de intervenção artística, criando duas novas áreas de lazer para a comunidade e transformando um espaço totalmente degradado em um novo espaço de interação social e convivência. A inauguração foi um grande evento, com show e oficinas. Um pontapé inicial para outras ocupações no local, que atualmente é palco de rodas de rap, de debate público e cinema ao ar livre.



Figura 12 - Espaço "Cine Taquara."¹⁴

3.2 - Caravana da Alegria na praça do BRT e Cine Taquara

A revitalização da Praça do BRT estação Taquara, a maior em extensão da *Caravana da alegria*, foi uma grande conquista para o bairro, e surgiu de uma demanda e parceria entre o coletivo Cine Taquara e o *JPA, eu te amo*. O coletivo já fazia sessões na praça, porém não sabia como permanecer com vida no local após os encontros. Por isso, neste tópico busco estudar os impactos da revitalização dessa praça através da trajetória do coletivo Cine Taquara.

¹⁴ imagem retirada das redes sociais (página do Facebook) do *Jpa, eu te amo*



Figura 13 - Coletivo "Cine Taquara"¹⁵

O coletivo Cine Taquara surgiu de uma angústia da fundadora Gleyser Ferreira que, aos 19 anos entrando em um processo de depressão, se incomodava bastante com a falta de incentivo à cultura, informação e ao debate público na região na qual mora desde os sete

¹⁵ Imagens retiradas das redes sociais (página do Facebook) do Cine Taquara.

anos. Essa inquietação se transformou em potência, Gleyser começou acionar amigos através da internet e redes sociais para que juntos criassem um cinema de rua no seu bairro.

A ideia do cinema nasceu de uma observação ativa, pois Gleyser vendia doces com poesia nas ruas e muitas das vezes as poesias sobravam e quando ela tentava doar as pessoas recusaram. Então a partir dessa experiência, Gleyser começou um estudo sobre poesia e leitura, descobriu que o Brasil é um dos países onde as pessoas menos leem. Logo, começou a entender a necessidade de criar outras formas de diálogo e levar mais informação para o dia a dia da comunidade através da arte. Em um momento de *insight* pensou no cinema como uma linguagem mais acessível para levar a reflexão, pois o audiovisual ativa “neurônios espelhos” com mais facilidade, neurônios responsáveis pela empatia. E no dia 8 de outubro de 2017 com ajuda de seus amigos que se disponibilizaram a emprestar projetor, som e transportarem equipamentos nasceu a 1º edição do Cine Taquara que hoje em dia já está na 46º edição.

Por ser tratar de um final de passarela e ter o nível um pouco mais acima da rua, o acesso a natureza foi um diferencial, pois é propícia para a criação de hortas e jardins urbanos, mais um potencial para integração com a comunidade. Potencial esse que foi concretizado na *Caravana da alegria*, ação de revitalização da praça, que através de uma demanda e dificuldade do coletivo de deixar registrado no território a vida que as sessões Cine Taquara trazia para aquele espaço. Com ajuda do *JPA, eu te amo* eles conseguiram colocar em prática, coloriram a praça inteira, fizeram um museu de grafite a céu aberto, colocaram novos mobiliários praça com bancos, jardins, lixeiras e uma biblioteca ao ar livre .

A Atuação em conjunto com a demanda do coletivo Cine Taquara e articulação da iniciativa *JPA, eu te amo* que por ser mais institucionalizada angariou com parceiros o material necessário para realização. Foi bastante importante e necessária para que os moradores comessem a identificar e valorizar o trabalho do Cine Taquara, pois se sentiram mais acolhidos e seguros na praça. E onde o eles conseguiram deixar seu legado.

A relação entre coletivo Cine Taquara e o *JPA, eu te amo* transcende a revitalização da praça, pois antes da disso os integrantes do coletivo já participaram de duas edições na FES e esse ano participaram da exposição o Sertão Carioca com exibição de filmes independentes produzidos por Jacarepaguenses ou sobre Jacarepaguá.

A praça do BRT estação Taquara, não era a primeira opção do coletivo porém foi escolhida pela segurança, acessibilidade e refúgio que o local proporciona. Visto que é localizado no Centro da Taquara próximo ao terminal de ônibus, van e ponto de moto táxi. Por ser um refúgio, o local também abriga algumas pessoas em situação de rua que vivem ali. Para a realização dos eventos o coletivo Cine Taquara pede permissão aos moradores, que acompanham e colaboram com as sessões. Contudo as atividades são independentes do poder público, pois o mesmo possui um histórico de negligência e falta de escuta com a comunidade.

A gente pede permissão aos moradores da praça e eles chegam junto com a gente até hoje. Então, eu vejo que a gente está no caminho certo. A gente não se preocupa em pedir licença ao poder público porque o poder público nunca pediu licença para construir nada na nossa região. Nunca perguntou qual era a vontade dos moradores. E se eles soubessem a nossa vontade, não teriam aprovado agora a construção de um shopping em cima daquela praça, onde na verdade precisamos de escolas! Não tem nenhuma universidade em Jacarepaguá, quase não tem Centro cultural por Jacarepaguá também. Dentre as prioridades, eles nunca pararam para analisar o que a gente queria como morador, e também nunca perguntaram, nunca tiveram interesse. Então também não temos interesse em compactuar com o poder público. - Gleyser Ferreira em entrevista para esta monografia.

Neste ponto é importante destacar como a ação do poder público age de forma hierárquica e centralizada. Com a lógica de neoliberalização dos espaços, criando mais comércios, nesse caso um shopping. Promovendo o apagamento de vivências nas ruas e praças, destruindo o mural de memória do coletivo e enfraquecendo a noção de pertencimento que esses coletivos lutam para aproximar e conscientizar a população.

É inspirador conhecer esses projetos e observar como dialogam e atuam juntas em prol do bairro, construindo uma rede de suporte e apoio ao território. Contribuindo

conscientemente para a formação de identidade e sentimento pertencimento à comunidade. Como acrescenta Gleyser em sua fala sobre o coletivo Cine Taquara.

Então criar esse sentimento de pertença, através da ocupação e ressignificação dos espaços públicos é fundamental. Por isso que a gente vai incentivar moradores a plantarem suas casas, através da uma construção de uma horta naquela praça e vamos também modificar algumas coisas no espaço de leitura, que foi iniciado através do JPA, eu te amo. E é isso, acho que a gente tem que fazer, ocupar tudo mesmo e ressignificar a “coisa” toda porque a cidade não tem a cara do povo. E eles (poder público) tentam apagar toda a história da nossa cidade, do subúrbio, da favela. Através de remoção e acinzamento dos espaços, a gente não quer mas cinza, a gente quer mais vida, quer mais verde, mais cor, a gente quer pichação sim! Porque é uma forma de manifestação legítima, entendeu (...) É importante que todo mundo se sinta no direito e na obrigação de personificar seu território. “Tornar ele seu, se apropriar sabe, criar uma identidade realmente da comunidade naquele território.”¹⁶

Atualmente o coletivo Cine Taquara contém 6 integrantes: Gleyser, Nelson, Thainara, Vitor, João, e Ian - todos moradores e “crias” de Jacarepaguá. Porém conta também com uma rede de agentes, instituições que apoiam e fortalecem a ação do mesmo. São eles: o JPA, eu te amo, Nós da Rua, Roda Cultural da Taquara, Tabata da Arena Carioca Dicro, o espaço cultural Viaduto de Realengo, espaço cultural Sérgio Luis, Ame o Poema – coletivo de poesia e Ancel Óticas.

¹⁶ Entrevista concedida por FERREIRA, Gleyser. Julho de 2019. Entrevistador: Isabela Souza. Rio de Janeiro, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B deste trabalho.

3.3 - A importância da caravana da alegria na conexão com o território

A relação com território é a peça fundamental para as vivências concretas dos sujeitos em sua experimentação e vivência cultural. Como diz Milton Santos, “o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2002, p. 10). É uma relação intersubjetiva que se reinventa a partir de nossas práticas de compartilhamento de mundo. Acredito que a *Caravana da alegria* seja esse “reinvento”, sendo a intervenção um gatilho para uma nova relação e experimentação com o espaço revitalizado.

Buscando compreender individualmente e coletivamente o impacto na relação com o território da revitalização dos espaços degradados no bairro através da *Caravana da alegria*, conversei com alguns moradores questionando-os sobre a representatividade das ações da caravana para eles e para o bairro. Seguem alguns dos depoimentos.

Lucas - 26 anos, morador da Taquara:

Representa uma nova vida ao bairro. Não só artisticamente, as ações concretas com objetos artísticos, que impedem a jogada de lixo, melhoram o ordenamento do nosso espaço público e aumentam inclusive a segurança com locais mais limpos e uma estética mais agradável. Com o Governo cada vez mais sucateado, o povo precisa se unir e realizar mais iniciativas como essa para o seu próprio bem.

Flávio - 32 anos, morador da Merck e voluntário do JPA, *eu te amo*:

Acho que além da revitalização ser importante para a manutenção do mobiliário urbano e a conscientização para reutilização do material reciclado, a JPA, eu te amo vem fazendo um trabalho cultural e social através de todos os seus projetos que é fundamental para o crescimento socioeconômico do bairro, principalmente em momentos de crise. Ela começa a resgatar a sua história, a sua identidade visual, e a solidariedade que existe entre vizinhos, neste momento tão violento da nossa cidade, às vezes mal se conhecem pois não saem de casa e ficam sentados em seus portões como antigamente. Esta união

naturalmente gera mudança com o que não está legal, gera o sentimento e a vontade de agir em prol do seu, mas também em prol do coletivo. esse resgate da coletividade, geralmente acarreta em mudanças positivas para o nosso meio, o nosso habitat....Isso também se reflete em várias outras áreas do seu dia a dia e de sua relação com o próximo.

Amanda - 27 anos , moradora da Taquara:

Então, acho que representa o estreitamento dos laços familiares em voltar a frequentar as praças do nosso bairro, para as crianças poderem brincar e se reunirem.

Vanessa, 37 anos - moradora do Tanque e voluntária do JPA, eu te amo:

Então, pra mim significa muita coisa porque é uma ideia que eu sempre acreditei e sempre tive vontade de realizar. Sempre tive vontade de ver essas coisas acontecerem e estou muito feliz de estar podendo entrar nesse grupo (de voluntários JPA, eu te amo). Porque eu acho que quando você faz essas ações você está incendiando as outras pessoas ao redor a fazer a o mesmo. Porque todo mundo reclama que tem lixo que “tá” sujo e depredado, mas as pessoas não colaboram para que isso não aconteça elas simplesmente perpetuam essa degradação do entorno. Então acho que é uma ideia que pode incendiar a mente de muitas e muitas pessoas. Então por isso que eu acho que é de suma importância esse projeto. E que a ideia cresça nos outros lugares, bairros, cidades e no mundo inteiro. Além do contraponto que é o empreendedor social, que é uma forma de ajudar as artesãos, aos pequenos empreendedores a aprender a lidar com isso a trabalharem melhor e a se ajudarem. Como Alexandra (coordenadora do JPA, EU TE AMO) fala, a criar uma rede do bem um ajudando o outro e todos ajudando dentro da sociedade para a gente desenvolver um papel que faça diferença no lugar que a gente vive.

É bastante significativo conhecer o discurso de pessoas que assim como eu moram em Jacarepaguá, e observar pontos que são totalmente alinhados com minha vivência e conhecer outras experiências. Compreender que a partilha do sensível na revitalização do território é comum a todos, porém com suas particularidades com cristalizações de novos símbolos e memórias e de valores que encarnam o sentido e a relação da cultura para cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se propôs apresentar as ações e impactos das políticas culturais através de iniciativas como a do *JPA, Eu te amo*, e suas rede colaborativas como o Viva Zona Oeste e Coletivo Cine Taquara que com realizações em prol do território, através das demandas do bairro e da população, que constroem e edificam a diversidade cultural da Baixada de Jacarepaguá. Com o trabalho de valorização da escuta, observação, executa pautas importantes ao território e transformam ações simples em aproximação com a população. Constituindo-se assim como ferramentas de transversalidade.

Políticas culturais tratam da diversidade cultural, construindo ou atrofiando¹⁷ a mesma, sendo sempre uma tensão entre diferentes, por isso pode ser extremamente violenta. Engana-se quem acredita que esse fenômeno é feito somente pelo Estado. Todos nós, de alguma forma micro ou macro fazemos políticas culturais e as ações dos coletivos apresentadas neste trabalho reforçam a o impacto positivo desses projetos no território.

Entretanto, a ação do poder público em diversas vezes impossibilita/dificulta a continuidade desses projetos, que com suas políticas descontínuas, momentâneas às vezes tentam se aproximar dessas iniciativas, se organizam para dar suporte através das leis de incentivos, porém fragmentam um processo de diálogo e se distanciam do fazer cultural.

O embasamento teórico se destacou pelo fato de compreender que há diversas formas de experimentar o território e fazer política cultural e que, assim como os coletivos acreditam, a valorização do território pela população que ali vive tem o seu valor. Através de diferentes conceitos propostos por cada autor, em relação ao direito à cidade, identidade, políticas culturais a construção simbólica dos espaços, proporcionaram maior identificação e compreensão da relação dos moradores da baixada de Jacarepaguá com o território e apropriação do mesmo. Lia Baron, Alexandre Barbalho, Paola Jacques entre outros pesquisadores contribuíram para que através de tais teorias, outro olhar surgisse, ampliando as possibilidades e caminhos, valorizando e reconhecendo as diferentes práticas de fazer cultural no território.

¹⁷ Conceito explorado nas aulas de Políticas Culturais ministrado pelo professor João Domingues curso de Produção Cultural UFF - Niterói.

Ao analisar profundamente as atividades do *JPA, eu te amo* podemos afirmar que o coletivo que proporciona novas redes de sociabilidade, pertencimento e afeto ao território de Jacarepaguá, onde se apropria de recursos simples de revitalização, comunicação urbana e reciclagem, fomentam debate muito importante sobre a territorialidade e cultura de um bairro. Com a ideia de ampliar o sentimento de pertencimento da comunidade e valorizar o trabalho que ali é desenvolvido. Dessa forma, o objeto analisado cumpre um papel importante na diversidade, em função de suas práticas sociais e culturais vividas na baixada de Jacarepaguá.

As discussões, opiniões e questionamentos apresentados nos três capítulos deste trabalho serviram para exprimir pensamentos, ideias e hipóteses que consideramos relevantes e pertinentes sobre a forma como as políticas culturais e os agentes atuam no território. Ações de grupos sociais produzindo cultura local e transformando o seu bairro através da mesma. Esse trabalho se torna uma tentativa de busca de conhecimento a partir de uma nova experiência, em busca de desvendar alguns processos de identificação social e cultural no território de Jacarepaguá.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Alexandre. *O papel da política e da cultura nas cidades contemporâneas*. In: Políticas Culturais em Revista, 2 (2), p. 1-3, 2009.

BARBOSA, J. L. . Territorialidades da Cultura Popular no Rio de Janeiro. PragMATIZES Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura , v. 7, p. 130-139, 2014

BARON, L. C. . *A territorialização das políticas públicas de cultura no Rio de Janeiro*. In: VIII Seminário Internacional de Políticas Culturais, 2017, Rio de Janeiro. Anais do VIII Seminário Internacional de Políticas Culturais. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. p. 1126.

FERREIRA, Gleyser. Depoimento em julho de 2019. Rio de Janeiro. Monografia. Entrevista concedida a Isabela Souza.

JACQUES, P. B. *Corpografias Urbanas*. In: IV ENECULT - Encontro de estudos multidisciplinares em Cultura, 2008, Salvador. Anais do IV ENECULT, 2008.

LOPES, Guilherme. *Políticas Culturais e Territorialidades no Rio de Janeiro: da Rede Carioca de Pontos de Cultura às Ações Locais* In: VIII Seminário Internacional de Políticas Culturais. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017.

MAGNANI, José. DE PERTO E DE DENTRO: Notas para uma etnografia urbana. RBCS Vol. 17 no 49 junho/2002.

ROCHA, Fernada. Depoimento em maio de 2019. Rio de Janeiro. Monografia. Entrevista concedida a Isabela Souza. .

RODRIGUES, L. A. F. ; Correia, M. . Política cultural e território: potência e inibição das sociabilidades.. In: VIII Seminário Internacional Políticas Culturais, 2017, Rio de Janeiro. Seminário Internacional Políticas Culturais (8: 2017: Rio de Janeiro, RJ). Anais do VIII... Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. v. 1. p. 190-200.

RODRIGUES, L. A. F. Políticas para as culturas e para as cidades. No prelo.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

Barbosa. Jorge Luiz; Silva. Monique Bezerra da (Orgs.). Oeste Carioca. Rio de Janeiro: Ebook, 2014. Disponível em: <http://observatoriodefavelas.org.br/wpcontent/uploads/2015/02/OESTE-CARIOCA-EBOOK-1.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2019.

<http://www.jpaeuteamo.com.br/>. Acesso em: 14 jun. 2019.

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/3607145/4180101/relatorio201320162812finalvirtual.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2019.

<http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp/exibeconteudo?id=4477436>. Acesso em: 27 mai. 2019.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM FERNANDA ROCHA

Transcrição de entrevista concedida via áudio por Fernanda Rocha (Coordenadora do projeto: Viva Zona Oeste) para a presente monografia.

Legenda:

P: Pesquisadora.

E: Entrevistada.

Parte 1: Surgimento do Polo de Economia Criativa da Zona Oeste (Motivação, objetivos e desafios)

P: No documento criado em 2014 sobre Diretrizes para uma ação de cidadania cultural na Zona Oeste, do município do Rio de Janeiro, um dos objetivos era colocar, de fato, a Zona Oeste no mapa cultural do município. Acreditam que esse objetivo foi cumprido?

E: O polo de economia criativa da Zona Oeste, ele surgiu a partir de um desdobramento de uma participação que os coordenadores participaram do movimento político chamado movimento visão suburbana. Esse movimento teve um momento que ele ficou mais dividido e tudo mais e esses coordenadores viram mais afinidade de trabalho... e motivado por esse caminho de estarem juntos nesse movimento político, que a gente decidiu criar então o polo de economia criativa da Zona Oeste. Essa foi a motivação.

Já os objetivos que a gente sempre teve com o polo e posteriormente como o Viva Zona Oeste que a gente alterou o nome, foram sempre essa descentralização de verbas públicas, do eixo Centro Zona Sul para outras periferias da cidade. Foi esse pensamento de construção de políticas públicas mais democráticas, mais participativas, mais inclusivas, mais diversas. Foi todo um pensamento de inserção, de pensar a Zona Oeste como território que necessita fazer parte do mapa cultural da cidade. Todo esse pertencimento e essa valorização dos próprios agentes culturais e para seus multiplicadores, seus públicos e tudo mais.

Quanto aos desafios... olha ...eu também estou dando essa entrevista muito como Fernanda né, então vou falar como polo mas também acaba sendo muito pessoal a opinião. Eu sempre acho que um desafio muito forte de qualquer iniciativa... cultural e tudo mais, ela é de

fato engajar as pessoas porque aproximar as pessoas é tranquilo, aproximar a rede é uma potência tranquila que a gente tem, a gente acredita e a gente até acha fluido e fácil de fazer. Mas engajar verdadeiramente, talvez seja um dos maiores desafios... é de conseguir se sustentar isso sistematicamente. Outro desafio que vem junto, desse desafio de engajar é também o desafio de sempre manter um diálogo saudável, tranquilo, afetuoso com os poderes públicos e iniciativa privada para conseguir com que esse engajamento ele acabe também, da sociedade civil, não fique muito descrente em cima de você como mediador dessa articulação porque já está viciado e descrente na articulação do poder público. Então isso é um desafio muito grande, como é que a gente engaja as pessoas e ao mesmo tempo cria essa relação de afeto com as instâncias públicas para também conseguir dar um retorno para a sociedade civil, continuar potencializando e engajando ela. É um desafio que liga um pouco um ao outro, sabe? ... Com relação a gente conseguir colocar a Zona Oeste no mapa cultural do município...Não. Eu acredito que isso é um trabalho “hercúleo”, um trabalho muito grande para os coletivos da Zona Oeste fazerem sozinhos e tudo mais. E também não tem vontade política de fato para isso ser feito. Não tem engajamento real das pessoas para isso ser feito.. Então, existem iniciativas muito interessantes trabalhando isoladamente porque todo mundo correndo atrás da sua sustentabilidade, então eu sinto que o engajamento das pessoas é uma questão. O não interesse real de olhar para esse território, colocar ele no mapa da cidade pelos governos, pelo poder público e até de uma certa forma pelas instituições privadas também que quando tem (esse interesse) é por uma pessoa, um analista por um gestor e logo é rompido é cortado, não é um trabalho de continuidade sistemático. Em momentos de “respiro” que isso (Zona Oeste) é colocado no mapa, mas rapidamente é retirado com uma descontinuidade. E essa descontinuidade acontece com recorrência nas instâncias públicas, mas nas privadas acaba acontecendo também, como acontece na sociedade civil, em companhias, grupos e instituições que começam e logo acabam pela falta de sustentabilidade em seus territórios e invisibilidade deles também.

Eu acho que já respondi um pouco quais são os desafios para cumprir esses objetivos. Os desafios de comprimir esses objetivos de colocar a Zona Oeste neste mapa são interesses de fato, políticos, institucionais e verdadeiramente querem inserir nesse pertencimento da cidade né.. Nesse direito à cidade, como bem fala o amigo Jorge Barbosa no observatório de favelas. Então será que a gente quer dar de fato um direito a cidade a todos?

Parte 2: Prêmio de Ações Locais - Prêmio de Ações Locais, iniciativa da SMC¹⁸ através da política pública dos pontos de cultura.

P: A Zona Oeste foi a região com o maior número de iniciativas chanceladas, vocês foram beneficiados ou conhecem alguém que tenha sido agraciado pelo prêmio de ações locais?

E: Bom, em relação ao prêmio ações locais, nós conhecemos várias instituições que foram beneficiadas com esse prêmio. Eu (Fernanda), tenho além da coordenação do Viva Zona Oeste, faço parte de duas companhias uma que é a “Cia dois banquinhos” e a “Cia de artes cadê” uma companhia de dança contemporânea. As duas companhias foram contempladas no ações locais e além disso a gente tem muitos parceiros e amigos, redes, instituições que fazem parte do ações locais. Uma coisa importante e interessante de falar é que quando a gente (coordenação) fazia parte do movimento “Ação suburbana”, uma luta do coletivo (não só nossa) desse movimento político foi em cima dessas ações locais, do percentual desses ações locais serem implementadas para o território da Zona Oeste e Zona Norte. Então foi uma luta coletiva de que isso fosse implementado também para esse território. Prioritariamente ser para esse território, então além de conhecer pelas instituições, amigos, parceiros e tudo mais a gente também fez parte dessa luta. Dessa conquista de políticas públicas.

Parte 3: Relação com o município e SMC.

P: Atualmente vocês são beneficiados por alguma política/ação cultural do município do Rio de Janeiro?

¹⁸ SMC: Secretaria Municipal de Cultura.

E: Você pergunta se somos beneficiados por alguma política e ação cultural do município do rio de janeiro... Não. Atualmente não somos e nem temos alguma atuação/ articulação nem vinculação a uma política pública ou ação cultural no momento. Inclusive é importante citar que em 2016 nós ganhamos um edital de fomento às artes lançado pela SMC, ficamos em 1º lugar em artes integradas do rio de janeiro e esse foi o “calote” que a prefeitura a 204 projetos culturais. Então além de nós, mais 203 projetos foram... Ganhamos mas não levamos. Acho que é importante enfatizar isso, esse de fato... O não cumprimento de um edital, nos faz pensar muito esse posicionamento da SMC enquanto cidadão. Sabe? Como é que eu enquanto cidadã não tenho um edital pago. Será que eu tenho realmente direito, nessa cidade, nesse Estado. Então foi um momento da nossa luta política que também desestimulou muito o coletivo e que também repensar muito sobre essas de participação, benefício da política ou ação cultural do município. E dessas questões que os coletivos e essas instituições podem ter de forma mais independente, isso também foi um divisor de água enquanto posicionamentos e nossa instituição.

Parte 4: Oeste Carioca

P: Vocês participaram do E-book Oeste Carioca? Caso afirmativo, conte a experiência. Gerou frutos positivos para a rede? Caso negativo, vocês conhecem o Oeste Carioca?

E: Em relação ao oeste carioca, vamos lá... Nós participamos do E-book Oeste Carioca 2. No primeiro não, mas no segundo nós participamos como uma pesquisa, fizemos uma escuta territorial em parceria com o espaço cultural escola SESC Barra da Tijuca... E essa escuta territorial, através de uma metodologia criada por nós gerou um documento esse conteúdo metodológico e a gente organizou isso num material que serviu de conteúdo para esse E-book Oeste carioca 2. Então sim, participamos, conhecemos e para nós é sempre muito positivo fazer parte de um trabalho e de um projeto como esse porque reafirma os laços de redes que a gente já tem com o observatório de favelas e a gente acredita muito como potencial de transformação e de existência. Então, sempre gera frutos positivos além do próprio engajamento de parceria.

Parte 5: Ações culturais

P: Você acha que as ações culturais voltadas para o território da Zona Oeste hoje em dia são mais centralizadas ou estão mais democráticas? (Ponto de vista do animador cultural da Zona Oeste)

E: Bom, a sua pergunta sobre ações culturais... Se as ações culturais voltadas para a Zona Oeste para o território da Zona Oeste se elas são centralizadas ou democratizaram. É uma pergunta muito difícil pelo seguinte... A gente tem muito conhecimento de parceiros da Zona Oeste, pessoas que são da Zona Oeste, instituições e agentes criativos que são da Zona Oeste e que fazem ações na Zona Oeste ou também fora dela. Então essas pessoas que já realizam essas ações elas continuam sempre repensando e democratizando sim o acesso, mas as pessoas que são de outros territórios, muita das vezes quando vão a Zona Oeste acabam levando um espetáculo ou um curso, enfim sem muito conhecimento do território mas também estão na luta de alguma forma democratizar. Então acho que qualquer coisa que a gente tivesse para responder nesse sentido, seria um achismo da nossa parte. A gente não tem nenhum dado forte em relação a isso, mas o que eu muito percebo é que a Zona Oeste sim se preocupa em fazer ações na Zona Oeste e a Zona Sul e o Centro de uma certa forma querem fazer mas muita das vezes desconhecem um pouco a articulação a forma de fazer desses territórios. É um pouco difícil a gente responder essa pergunta para você, tem pontos centralizados e também mais descentralizados.

P: Em uma conversa no Facebook foi passado que os projetos do Viva Zona Oeste estão paralisados até segunda ordem. Qual o motivo? Quais são as dificuldades atuais que vocês encontram com o poder público e população?

E: Bom, o Viva Zona Oeste basicamente acabou por conta da sustentabilidade, e eu vou te explicar o porquê, Isabela... Nós ganhamos em 2018 um processo de aceleração com o Oi futuro junto com o instituto Ekloos, e a gente já estava um pouco repensando as diretrizes de trabalho e junto com essa aceleração nós remodelamos nosso plano de negócios repensamos e reestruturamos. E percebemos que esse novo formato seria interessante, mas basicamente a

sua sustentabilidade seria basicamente em cima de investimentos estrangeiros em edital ou em empresas e associações que façam esse tipo de aporte em ações deste cunho. Também a gente vive um momento bem complexo de política de cultura no nosso país então isso deu uma repensada sobre essa sustentabilidade em cima dessas organizações estrangeiras e se a gente queria adentrar por esse caminho. É um caminho focado nessas estruturas estrangeiras e foi uma coisa que a gente colocou na balança, repensou e viu que neste momento não optarmos por esse caminho e sim em priorizar mais nossos fazeres artísticos e repensar em nossos propósitos de vida e ideais. Em relação aos desafios atuais, acho que também já falei... o poder público é esse lugar de descontinuidade, então muita das vezes você consegue uma articulação interessante, mas sai o gestor, sai o analista, muda a gestão. Isso é sempre difícil em qualquer tipo de articulação e a população e essa relação de engajamento.

Parte 6: Relação com a população.

P: Há engajamento da população? Como vocês buscam construir essa relação com a população da Zona Oeste?

E: As pessoas acham que o que a gente faz é muito interessante, é benéfico, mas ao mesmo tempo quando a gente chama pra chegar junto e realizar é sempre um discurso “depois” “vamos ver” e tal. A gente sempre diz enquanto artista que a gente tem um posicionamento muito parecido quando a gente vai falar de cultura e quando a gente vai falar de meio ambiente, por exemplo quando vamos falar de sustentabilidade.. a gente fala “ ah cuidar da natureza é muito importante, mas no mesmo momento que fala isso polui, não pensa no seu consumo exacerbado, joga lixo em qualquer lugar. Tem um discurso que quer fazer diferente mas não faz é a mesma coisa para cultura e para as linguagens artísticas. Fala-se muito em ah é importante ter teatro, mas qual foi a última vez que você foi no teatro? Então o engajamento é até a página dois.

Parte 7: A Rede Viva Zona Oeste em Jacarepaguá.

P: O Coletivo Eu Te Amo, JPA consta como parceiros (visto em postagem no Facebook). Como se faz essa parceria na prática? Como é essa troca entre rede e coletivo?

E: Eu acho bom benéfico e interessante, mas quando na real eu chamo para trabalhar a gente sempre percebia que ficava muito centralizado na nossa mão. E a gente não queria que somente os três coordenadores fossem vistos como o polo de economia criativa da Zona Oeste o Viva Zona Oeste, e sim essas redes essas múltiplas potências que a Zona Oeste fala por si só como um território tão diverso, tão plural, tão múltiplo e com problemas comuns sim, mas com problemas muitos particulares de bairros tão enormes, tão distintos. A Zona Oeste tem mais de 40 bairros então se a gente pensar por isso, a gente pensa o quanto que são muito desafios dentro de cada natureza dessas.

APÊNDICE B- ENTREVISTA COM GLEYSER FERREIRA

Transcrição de entrevista concedida via áudio por Gleyser Ferreira (integrante do coletivo Cine Taquara) para a presente monografia.

Origem

Então, o Cine Taquara começou como uma ideia minha, eu estava com 19 anos e estava no processo de depressão e tudo mais... e aí eu comecei a ficar muito mal por ver que não tinha nada praticamente de incentivo à cultura, a educação, a informação, ao debate público na rua; na nossa região né. Eu moro na Taquara desde que cheguei no Rio de Janeiro, com 7 anos de idade. Então me considero “cria” da Taquara “né”.

Então comecei acionar a galera na internet, uma galera da região também, pra gente começar a criar aí um cinema de rua. Porque eu já trabalhava fazendo doces com poesia na rua e vendia eles, muitas vezes as poesias sobravam e quando eu doava as poesias a galera também não queria. Aí fazendo um estudo mais amplo, eu vi que o Brasil é o país onde as pessoas menos leem. Então eu comecei a ver que precisávamos de outras formas de dialogar, de tentar trazer a informação para mais próximo da nossa comunidade. E eu tinha certeza que seria através da arte, mas eu não tinha certeza de qual linguagem seria. E aí eu não sei até hoje de onde veio esse “boom” esse “start” que o cinema seria a linguagem mais acessível; mais tranquilo também de trazer a reflexão, já que é visual, é auditiva, é o audiovisual né. E porque a gente consegue também através da psicologia ouvir que com o audiovisual. Você consegue ativar neurônios espelho com mais facilidade, que são os neurônios responsáveis pela empatia. Enfim é mais ou menos isso.

E no dia 8 de outubro de 2017 com ajuda da Tabata lá da Zona Norte que emprestou o projetor, com ajuda do Yan que fazia a roda cultural da Taquara na época, que emprestou o som e uns amigos também que me ajudaram a fazer bolo. O Davi que ajudou transportando todo o equipamento imenso, com balde de terra, mudas que eu consegui na UFRJ pra fazer oficina de plantio em garrafa pet. Enfim, nesse dia 8 de outubro de 2017 foi a primeira edição do Cine Taquara. Hoje nós estamos na 46ª edição.

Escolha da praça do BRT da Taquara.

Então, a praça do BRT da Taquara não era nossa primeira opção. A minha primeira opção na verdade era fazer perto da minha casa, na Santa Maria, uma favela bem próxima a minha casa, mas não tivemos condições porque a “segurança” da praça não liberava. Então a gente pensou em fazer no BRT da Taquara que era uma área mais acessível e quanto mais segura para todo mundo. Porque ela é do lado da passarela do BRT, do terminal de ônibus, do terminal de van, do ponto de moto táxi. Então um lugar de facilíssimo acesso, pensando nisso e também no “refúgio” que é aquela praça, que é um pouco mais acima do nível do asfalto, da pista e com um pouco mais acesso da natureza, porque tem árvores tem a grama, ali tem facilidade pra gente fazer uma horta (que é o que vamos fazer agora). Enfim, por todas essas questões de acessibilidade, quanto de segurança e também por ser um refúgio para os moradores da região.

Relação com o poder público.

Bom, a gente nunca pediu permissão para chegar ao poder público. A gente pede permissão aos moradores da praça e eles chegam junto com a gente até hoje. Então, eu vejo que a gente está no caminho certo. A gente não se preocupa em pedir licença ao poder público porque o poder público nunca pediu licença para construir nada na nossa região. Nunca perguntou qual era a vontade dos moradores. E se eles soubessem a nossa vontade, não teriam aprovado agora a construção de um Shopping em cima daquela praça, onde na verdade precisamos de escolas! Não tem nenhuma universidade em Jacarepaguá, quase não tem Centro cultural por Jacarepaguá também. Dentre as prioridades, eles nunca pararam para analisar o que a gente queria como morador, e também nunca perguntaram, nunca tiveram interesse. Então também não temos interesse em compactuar com o **poder público** né, vendo quem é que tá aí.

Relação com os moradores.

Então, sobre como os moradores se sentiram com essa nossa ação da revitalização. Foi muito bacana porque eles começaram a se sentir mais acolhidos pelo Cine Taquara, pelo JPA, eu te amo. Valorizaram mais o nosso trabalho, se sentiram mais seguros na praça. Porque a praça antes era mais escura, ela era muito cinza, então dava um medo assim porque ela é no final da passarela, às vezes ficava totalmente escuro e ali é um local de tráfego de pessoas

então elas achavam que poderiam ser assaltadas a qualquer momento. Então colorir aquela praça, colorir aquele espaço, trazer mais plantas. Incentivar aos moradores a plantarem mais naquele território. Trouxe todo um sentimento de pertença e segurança mesmo sabe. Isso que é muito “f***”/incrível”, admiro muito e vamos continuar fazendo. Mesmo que com a mudança da praça porque o Shopping que vai ser instalado ali, eles já destruíram um muro todo que a gente já grafitou e apesar disso continuaremos na resistência.

Relação com o JPA, eu te amo.

A gente conhece o JPA, eu te amo , temos uma relação bacana. Inclusive foram eles que nos ajudaram a fazer a revitalização da praça. Fizemos ali um museu de grafite ao céu aberto, graças a eles e as iniciativas que eles conseguiram, porque eles sabiam que a gente ocupava aquele território, dávamos vida a ele mas a gente não conseguia permanecer com a vida no local já que não temos grana para bancar grafite, bancos e nada disso. Então eles que são mais institucionalizados conseguiram, algumas parceria que viabilizaram essa nova cara da praça. E ai a gente conseguiu deixar nosso legado no nosso território, achei muito bacana. E antes disso também já tínhamos feito duas edições na FES, feira de empreendedores sustentável que eles organizam e participamos também agora da exposição “o sertão carioca” que foram vários dias de exibição de filmes independentes produzidos por “Jacarepaguenses” ou sobre Jacarepaguá... Foi muito interessante.

O que a revitalização das praças representa para você.

Sobre como nos sentimos com a revitalização de espaços públicos e praças. E cara sinceramente eu acho que isso é tudo o que tem ser feito né, ou moradores das comunidades tem que se sentir donos desses espaços, a ponto de fazer transformações. E se as pessoas não se sentem a vontade para fazer essas mudanças, quer dizer que esse território não é delas, entendeu? .Então criar esse sentimento de pertença, através da ocupação e ressignificação dos espaços públicos é fundamental. Por isso que a gente vai incentivar moradores a plantarem suas casas, através da uma construção de uma horta naquela praça e vamos também modificar algumas coisas no espaço de leitura, que foi iniciado através do JPA, eu te amo. E é isso, acho que a gente tem que ocupar tudo mesmo e ressignificar a “coisa” toda porque a cidade não tem a cara do povo. E eles (poder público) tentam apagar toda a história da cidade, do

subúrbio, da favela através de remoção e acinzamento dos espaços, a gente não quer mas cinza, a gente quer mais vida, quer mais verde, mais cor, a gente quer pichação sim! Porque é uma forma de manifestação legítima, entendeu. Eu acho que é isso, a gente quer mais espaço de leitura, a gente quer horta nas praças nas ruas, a gente quer aula pública. (nas ruas, nas praças, nas escolas). É importante que todo mundo se sinta no direito e na obrigação de personificar seu território. Tornar ele seu, se apropriar sabe, criar uma identidade realmente da comunidade naquele território.

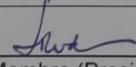
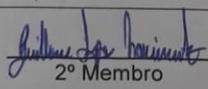
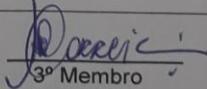
Então depois que a gente conseguiu fazer a revitalização da praça, a gente sentiu maior sentimento de segurança e pertença na nossa comunidade. As pessoas começaram a agradecer muito a gente, falávamos também do JPA, eu te amo. E começaram a sentir cara que coletivos interessantes, f*** que eles estão fazendo. Tanto nós quanto o JPA, eu te amo porque eles ajudam a gente revitalizar nossa praça mas, além disso, eles tem revitalizado várias praças em Jacarepaguá, da Cidade de Deus, a Santa Maria, eles revitalizaram vários espaços, deram vida deram mais acesso a natureza também nesse espaços nessas praças. Então foi muito interessante, muito f* mesmo.

Integrantes e parceiros do coletivo Cine Taquara:

Integrantes: Gleyser, Nelson, Thainara, Vitor, João, e Ian - todos moradores e “crias” de Jacarepaguá.

Parceiros: JPA, eu te amo, Nós da Rua, Roda Cultural da Taquara, Tabata da Arena Carioca Dicro, o espaço cultural Viaduto de Realengo, espaço cultural Sérgio Luis, Ame o Poema – coletivo de poesia e Ancel Óticas.

ANEXO 1 - ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL	
IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: ISABELA SILVA DE SOUZA	Matricula: 115 033 050
Título do Trabalho: "A PRAÇA É NOSSA, UM ESTUDO SOBRE CULTURA E TERRITORIALIDADE EM JACAREPAGUÁ."	
Orientador(a): Dr. Luiz Augusto Rodrigues	
Categoria: Monográfico	Data da Apresentação: 22/07/2019
BANCA EXAMINADORA	
1º Membro (Presidente): Dr. Luiz Augusto Rodrigues	
2º Membro: Me. Guilherme Lopes Nascimento	
3º Membro: Me. Marcelo Silveira Correia	
AVALIAÇÃO:	
Análise / Comentário	
<p>A banca destacou a importância do trabalho ao juntar pesquisa e história de vida. Ressaltou-se a pertinência de estudos sobre Jacarepaguá - território por vezes pouco abordado pelos estudos e políticas, em especial ao focar ações avançadas pela sociedade civil.</p> <p>Trabalho bem descritivo, podendo - por vezes - ter avançado em maiores reflexões teórico-teóricas, o que lhe garante ainda maior relevância.</p>	
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):	
9.5 (nove e meio)	
ASSINATURAS:	
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro
	 3º Membro